

As diferentes manifestações da juventude na escola: uma visão dos impasses e das perspectivas

7

Mariane Brito da Costa*

Resumo: Este artigo dialoga com autores que estudam a temática *juventude e escola*, problematizando a função da escola como *locus* de socialização. Parte do pressuposto de que muitos problemas enfrentados pelos jovens na escola é resultado de uma realidade em que as culturas juvenis, caracterizadas por determinadas formas de comportamento, como, gostos, atitudes, estilo de vida, forma de ser, vestir, dançar, falar, se divertir e se relacionar não podem se fazer presentes. Em virtude disso, analisa a desarticulação da escola com as perspectivas dos jovens, ao acharem-na desinteressante por não contemplar seus anseios e suas necessidades e tampouco reconhecer a realidade em que estão inseridos. Parte da concepção de que a escola deve contemplar espaços e situações que promovam experiências de sociabilidade. Busca uma reflexão acerca do papel da escola diante das tensões e dos dilemas juvenis.

Abstract: This article dialogs with authors who study the theme involving the youth and school, blaming the function of the school as the locus of socialization. This article also claims that many of the problems faced by the young students in school is the result of a reality in which juvenile cultures, characterized by determined forms of behavior, such as: likes; attitudes; lifestyles; ways of life, dressing, speaking, talking, having fun, dealing with people; cannot take place. Therefore, this article analysis the desarticulation of the school with the perspectives of the young pupils, when they find the school to be uninteresting for not contemplating their longings and necessities, and not the least realize / recongnize the reality in which they belong to. It comes from the conception that the school must contemplate spaces and situations that promote experiences of sociability. It also searches for a reflection of the role of the school, before the tensions and juvenile dilemmas.

Palavras-chave: Jovens. Escola. Socialização.

Keywords: Young. School. Socialization.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF).
E-mail: mariane_costa@ig.com.br



Introdução

Nos últimos anos, temos observado diversos estudos sociológicos sobre a relação entre juventude e escola. Dentre inúmeros referenciais que analisam essas categorias, autores como, Carrano (2000); Camacho (2004); Dayrell (2006); Peregrino (2007) e Spósito (2001), constituem-se como os principais para nos aproximarmos dessa temática. Partindo dos estudos desenvolvidos por esses autores, podemos detectar a dificuldade que os jovens encontram para expressar sua maneira de ser e agir em seu cotidiano escolar.

Apresentamos, neste artigo, um ensaio problematizando as relações entre jovens e escola, objetivando formentar uma série de reflexões e discussões acerca dessa temática, visando ao enfrentamento dos desafios postos por essa nova realidade, que consistem em assegurar o direito a todos que frequentam a escola, um ensino público gratuito e de qualidade, de torná-la um lugar de socialização, em fazer com que ela seja ou se torne parte efetiva dos projetos de vida dos jovens.

Estudos publicados em 2009 pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), baseados em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que 40,1% dos jovens de 15 a 17 anos abandonam a escola por desinteresse; 27,1% saem por razões de trabalho e de renda¹ e, finalmente, 21,73%, por motivos diversos. Diante desse quadro, coloca-se a necessidade de uma reflexão sobre a relação que se estabelece entre jovens e escola, sendo esse o mote preliminar para a realização deste estudo, que buscou, a partir de uma análise bibliográfica existente sobre o tema, compreender a situação dos jovens que retornam à Educação de Jovens e Adultos e que frequentam essa modalidade de ensino no segundo segmento do Ensino Fundamental em uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, no horário noturno, situada na região da baixada fluminense, no município de Nova Iguaçu.

Analisaremos a relação que se estabelece entre jovem² e escola, relação marcada por uma série de desencontros vivenciados pelos jovens

¹ O estudo sobre Desinteresse Escolar, realizado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), está disponível na página da internet do Observatório Jovem da UFF no seguinte endereço: <www.uff.br/obsjovem_>

² Nesta pesquisa, será estabelecida uma interlocução com autores que trabalham com a categoria *juventude*.



na escola, considerando-se que a escola não traz para o seu interior as vivências e os conhecimentos dos jovens. Concordo com Carrano (2000), quando esse afirma que a

escola sinaliza dificuldades de lidar com a diversidade que caracteriza esta juventude, sendo a homogeneidade muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade quer seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou ética. (p. 16).

Diante disso, iniciaremos destacando que o termo *juventude*, como categoria analítica, é um conceito que vem se solidificando ao longo dos tempos. Sendo a juventude um período da vida impossível de ser contemplado como uniforme, pois ele é constituído por diversas maneiras de ser e viver que variam de acordo com o gênero, a faixa etária, a classe, a raça, dentre outros, seria possível encontrar o significado de juventude por fatos isolados ocorridos em determinados períodos da sociedade? É inadmissível imaginar esse pensamento dentro de uma sociedade em que os jovens não são homogêneos.

Com o passar do tempo, os jovens têm se feito ouvir ou têm chamado a atenção de várias maneiras, com atitudes e hábitos diferentes, mostrando que a sua forma de desfrutar deste momento de vida é pessoal, que difere não somente dos desfrutes, mas também por serem jovens integrados em grupos sociais que influem nos acontecimentos da vida. A rotulação dos jovens por determinados padrões preestabelecidos impõe um modelo de comportamento em que o jovem deve se manter. Essa visão dificulta a inserção social dos jovens na sociedade e nos impede de conhecer a especificidade que cada jovem possui.

Ao longo da história, a concepção de juventude passou por inúmeros rótulos referentes ao comportamento dos jovens de cada época, ora estava relacionada a uma determinada faixa etária; em outros momentos, associado a problemas sociais (delinquência juvenil); noutras vezes, foram vistos, também, como alienados, passivos e, até mesmo, como uma juventude protagonista das transformações políticas, sociais e culturais em determinada época ou como aqueles que teriam a responsabilidade de transformar a sociedade.

Portanto, para compreendermos as diferentes manifestações dos jovens na escola, utilizaremos o termo *juventudes*, empregado por Bourdieu, com o propósito de nos aproximarmos dos diferentes jovens que se encontram no espaço escolar, pois, apesar de eles terem muitas



vezes a mesma idade, vivenciam realidades de vida distintas, seja pelo estilo de vida adotado, pela forma de inserção no trabalho, seja pela atividade cultural e de lazer de que participam, etc. Em virtude disso, apresentaremos questões que tratam da desarticulação do papel da escola como provedora de socialização, pelo fato de os jovens identificarem como desinteressante esse ambiente escolar, por ele não contemplar seus anseios e suas necessidades e tampouco reconhecer a realidade em que estão inseridos.

Desse modo, em meio a todas as questões colocadas, pretendemos destacar a realidade escolar dos jovens das camadas populares. Entenda-se que há um perpassar pelo cotidiano das periferias das grandes cidades e do interior do estado, por encontrarmos, muitas vezes, nesse cenário, situações que demonstram diversas particularidades socioeconômicas, culturais e étnicas, demarcando, assim, uma sociedade desigual.

Portanto, ao se inserir no campo dos estudos da juventude e de suas múltiplas relações com a escola, este trabalho empenha-se em compreender as dificuldades encontradas pelos jovens nesse espaço, uma vez que a escola tem expandido a oportunidade de ensino, embora ainda perpetue uma *educação injusta*,³ ao não se redefinir internamente, separando a escola da realidade dos jovens, quando não se reconhece que os jovens trazem consigo experiências que ultrapassam os muros da escola, ensinando-nos conhecimentos aprendidos durante a vida.

Juventude e escola

Para compreendermos as relações estabelecidas entre jovens e escola, torna-se fundamental aprofundarmo-nos nas necessidades juvenis e nos problemas enfrentados por eles na esfera educacional; ao se caracterizar o período da vida denominado *juventude*, deve-se observar que essa fase da vida não é estática, é uma fase na qual se torna impossível generalizar todos os fatos que envolvem esses jovens devido à singularidade e à complexidade da realidade vivenciada por esses sujeitos na sociedade. Essa, por sua vez, se renova ao vislumbrar nos jovens a capacidade de se tornarem sujeitos inseridos em uma determinada realidade histórica e social, na qual não há um modelo a ser seguido para se caracterizar o que é “ser jovem” na sociedade.

³ Conceito empregado por Dayrell (2007).



No entanto, os jovens que procuram as escolas públicas, hoje, embora suas heterogeneidades, apresentam “características comuns e vivenciam diferenças importantes em decorrência das classes sociais distintas, das relações de gênero, de estilo de vida, do local onde moram”. (NOVAES, 2000, p. 47). Tais diferenças direcionam os jovens a múltiplas experiências adquiridas em suas relações sociais (cultura, escolarização, família, trabalho, etc.) que compõem suas identidades juvenis. Essa identidade é construída em sua relação com o social através da multiplicidade de experiências significativas que vivenciam no período da juventude, durante o qual serão levados a fazer escolhas e a tomar decisões que permanecerão em sua história de vida. Desse modo, o que “existem são histórias de juventude e, sobretudo, jovens inseridos em uma teia de relações sociais específicas e vinculadas a contextos e momentos históricos distintos”. (CAMACHO, 2000, p. 23-24).

Pode-se mesmo dizer que os jovens vivenciam situações que ultrapassam os limites que são impostos na escola, se encaminhando para momentos de tensão e ambiguidade vivenciados por eles no espaço escolar, uma vez que encontramos, em grande parte das escolas, currículos escolares que não respondem aos desafios que estão postos para a educação dessa parcela da juventude. A escola tem recebido um grande número de jovens, porém ela não se modificou internamente para elaborar espaços em que possa se estabelecer um diálogo com os sujeitos e sua realidade. Concordamos com Carrano (2007) quando salienta que

além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-escolar. (p. 60).

Muitos dos sistemas educacionais, nas últimas décadas, por mais que reconheçam os direitos e as necessidades dos jovens, permanecem, ainda, mantendo no espaço escolar limites e barreiras quanto ao diálogo, que não permitem que as reivindicações juvenis sejam ouvidas, menosprezando o valor que elas possuem, por não conseguirem lidar, em diversos momentos, com as diferenças juvenis e por não



compreenderem a existência de diversidades: de gênero, étnica, regional, religiosa, de orientação sexual, dentre outras, inerentes aos jovens como a todo ser humano.

Com Peregrino (2007, p. 1), podemos compreender as diversas maneiras de ser jovem nos espaços escolares, que os diferenciam uns dos outros nas maneiras de se expressar e apreciar a vida em meio às múltiplas possibilidades que caracterizam o termo *juventude*, como, por exemplo, roqueiros, funkeiros, forrozeiros, *punks*, pagodeiros; revolucionários, conformistas, “rebeldes sem causa”, militantes; “aviões”, trabalhadores, estudantes, estagiários; tatuados, modernos, *clubbers*, *darks*; “mauricinhos”, “patricinhas”, “favelados”, “manos”, “minas”, “sanguês”... Inumeráveis expressões de inumeráveis condições de vida.

Portanto, para compreendermos os jovens que estão presente na escola, precisamos enveredar pelo entendimento dos anseios e das necessidades desses sujeitos, por vivermos em uma sociedade marcada por transformações econômicas, sociais e culturais; somente esse fator já requer quebras de paradigmas no interior da escola, pois ser jovem está relacionado a um período de mudança, de transição entre a infância e a vida adulta; atente-se, também, para o estilo de vida próprio de cada jovem, vivendo num período caracterizado por laços de amizade, de críticas às normas e às regras sociais ou marcado por rebeldia, como também caracterizado pelas redes de transmissão da ideologia do mercado, “nicho de mercado”.⁴ Tal *nicho* influencia muitos jovens no estilo de vida por meio da moda e da necessidade de acompanhar a era da informatização com todas as suas novidades, como: internet, mp3, mp4, *aipod*, dentre outras formas que se caracterizam como encantadoras e, de certa forma, diretamente ligadas aos jovens na contemporaneidade.

Ao realizarmos uma retrospectiva do período da vida denominado *infância*, perceberemos que os jovens, nessa fase anterior, estavam intensamente ligados ao seio familiar, e suas atitudes eram ajustadas, sobretudo, pelos ensinamentos e pelas tradições culturalmente familiares que predominavam nesse lugar. Porém, durante seu desenvolvimento, eles entram em contato com outros espaços não familiares e não escolares, como outros contextos: vizinhos do bairro em que moram, outras

⁴ *Nicho* é um segmento de mercado com características especiais em termos de necessidades a serem atendidas. Isso significa a oportunidade de atender com excelência a uma necessidade específica de determinado público.



comunidades, atividades religiosas, culturais e de lazer, entre outras, em que os costumes, os laços de relacionamentos, os hábitos e os valores são diferentes ou, às vezes, considerados pelos jovens como mais prazerosos do que os ofertados e vivenciados nos laços familiares ou escolares.

No entanto, para muitos adultos esses lugares são vistos como habituais e rotineiros, entenda-se sem importância; para esses jovens, todavia, esses movimentos sociais dinâmicos acabam sendo os lugares de se aproximar dos amigos, de superar os obstáculos da vida e de expor as insatisfações com a ordem estabelecida na sociedade. Com Mannheim (1980) é possível compreender que é nos grupos sociais que se começa a entender as potências *autorreguláveis da vida* e a se desenvolver vínculos recíprocos entre as pessoas.

Quando as escolas se organizam por turmas, possibilita-se, em parte, a oportunidade de se adquirir experiências em grupo. Mas essas relações não são suficientes para os jovens, pois elas estão na maioria das vezes vinculadas a uma reclusão dentro de um espaço/tempo para estudar e à segregação entre educador e educando, no momento em que são impostas ali regras inflexíveis e existem escalões hierárquicos aos quais os alunos precisam prestar submissão. É preciso pensar na possibilidade de serem criados diálogo nas esferas educacionais, que não se baseiem em uma obediência autoritária que enquadre os jovens em normas disciplinadoras escolares, mas que se desenvolvam nesse espaço escolar um equilíbrio e um respeito entre as partes.

Pensando na escola como um espaço privilegiado de troca de saberes, continuo a questionar: Por que, muitas vezes, ainda não somos capazes de contemplar os jovens a partir de suas necessidades, de reconhecer como conhecimentos legítimos o que nos apresentam os nossos educandos?

Dubet (2006) destaca que as instituições têm sofrido um processo de “desinstitucionalização do social”, pois a ação socializadora das instituições passa a ser considerada tarefa dos jovens, sendo ele responsável pelo seu próprio processo de socialização. Assim, a escola, se não estiver aberta, se transformará em instituição de dominação do cotidiano escolar,

pois obriga os indivíduos a se construírem livremente nas categorias da experiência social que lhes são impostas. A dominação se manifesta, assim, não cessando de afirmar que os indivíduos são livres e mestres de seus interesses [...] a dominação impõe aos atores



as categorias de suas experiências, categorias que lhes interditam de se constituir como sujeitos relativamente mestres deles mesmos. (DUBET, 2006, p. 403 apud DAYRELL, 2007, p. 115).

Tal processo de “desinstitucionalização do social” é caracterizado por Pais (2003), como “reinstitutionalização permanente”, por serem instituições que se direcionam à transformação social, mas que estão sujeitas à crise e, no entanto, precisam estar em constante reconstrução para conseguir compreender o presente, uma vez que temos observado, na sociedade, estratégias de controle através de lógicas disciplinadoras na escola e em todos os contextos sociais. Desse modo, a escola (como os outros contextos sociais: família, cultura, trabalho) passa a ser influenciada por uma massificação de informações que advém de diversos meios de comunicação.

Por conta disso, quando se tem uma concepção de escola em uma perspectiva que não traz para si as transformações da sociedade e os conflitos e as tensões encontradas no contexto social dos jovens, isso encaminha para desconexões entre a função da escola e o seu real significado para os jovens.

Embora os jovens precisem ser reconhecidos como sujeitos em que as ações escolares devam alcançá-los em todas as suas necessidades, Camacho (2004), em seus estudos, destaca que a escola vem sofrendo um profundo processo de inadequação quanto ao tratamento que é dado aos seus alunos, por não reconhecê-los como jovens. Tal situação desencadeia uma “desinstitucionalização da condição juvenil”,⁵ que constitui a dificuldade de se identificarem com a escola, pela falta de diálogo entre eles e os educadores.

Desse modo, torna-se necessário refletir sobre as práticas pedagógicas que estão sendo oferecidas aos jovens, de maneira que eles sejam vistos como sujeitos de direitos, pois muitos direitos são negados a esses obscurecidos personagens da escola, não raramente, por uma dupla negação: nega-se a eles o direito de ter seus próprios saberes considerados legítimos, quando são elaborados fora dos padrões estabelecidos pela escola, ou seja, ultrapassam os muros escolares, tais saberes poderiam ser utilizados como um canal de diálogo entre jovens e escola.

⁵ Termos empregados por Camacho (2004).



Outra negação se manifesta quando os jovens encontram obstáculos que dificultam ou impedem que tenham acesso ao saber que, de forma privilegiada, se obtém no espaço escolar, posto que a permanência não tem sido um direito assegurado a todos os jovens. Refletindo sobre esse duplo processo de negação, passo a indagar: Por que muitas das práticas educativas desconsideram alguns sujeitos, nas suas formas de elaborar seus saberes aprendidos com a “escola da vida”?

Spósito (2007), ao analisar a escola através de uma perspectiva da sociologia não escolar, identifica a importância de compreendermos as dimensões não escolares desses sujeitos que estão inseridos na escola, uma vez que os jovens são sujeitos que se apropriam do social e adquirem redes de sociabilidade e interações que se distanciam das referências institucionais, trazendo para o interior da escola particularidades únicas de cada jovem aluno, adquiridas no seu convívio social.

A partir dessa perspectiva, propomos aos educadores o desafio de conhecer a trajetória dos jovens como ponto de partida para a prática pedagógica com o intuito de se alcançar êxito no processo de ensino e aprendizagem. Almejamos que os saberes dos jovens, elaborados ao longo de sua trajetória, segundo as especificidades de sua vida, sejam reconhecidos no jogo da aprendizagem escolar, e que os jovens sejam vistos como sujeitos concretos, que necessitam encontrar na escola um espaço de socialização. Como diz Dayrell (2005, p. 180), “é pela socialização que os homens aprendem os significados sociais e identificam-se com eles transformando-os em seus próprios significados”.

Ao vislumbrar a educação como direito e lugar de socialização, percebemos que o espaço escolar possibilita também a criação de situações de experiências de sociabilidade, em que os jovens podem se relacionar ao estabelecer laços sociais uns com os outros. Assim, a sociabilidade expressa uma dinâmica de relações que passam a ser estabelecidas na escola e em diferentes instâncias da vida, as quais se entrecruzam e se inter-relacionam.

Na escola, é possível averiguar diversas relações em que a sociabilidade se manifesta, através de amigos mais próximos (que muitas vezes são considerados até mais próximos do que um irmão), através de uma cumplicidade entre professor e jovens, como também através daqueles relacionamentos mais distantes entre colegas. Todas essas são formas de sociabilidade que marcam uma fase da vida dos jovens, de familiaridade ou distanciamento nas relações de convívio com os colegas da turma. Esses vínculos estabelecidos pela sociabilidade contribuem,



também, para responder às necessidades dos jovens, necessidades essas que perpassam sua forma de ser e estar-no-mundo.

Buscamos demonstrar como o papel da instituição escolar é importante para que os jovens permaneçam na escola, uma vez que as relações instituídas e firmadas na escola (e entre amigos, professores, inspetores, diretores ou entre outros agentes escolares), contribuem para que os alunos continuem a estudar, embora as barreiras encontradas em seu dia a dia, no qual têm, muitas vezes, que conciliar estudo, trabalho e responsabilidades familiares, pois muitos jovens já constituíram família, quando não necessitam trabalhar para ajudar no rendimento familiar ou para atender às necessidades próprias, relativas ao gosto ou ao desejo da maioria dos jovens.

A escola, como uma instituição social, dependendo da localidade em que se insere, recebe jovens de uma determinada classe social, e esse fato tende a influenciar na construção da identidade dos jovens e no caminho que percorrem em sua vida. Desse modo, ao se observar o cenário das escolas públicas nas periferias ou no interior do nosso estado, nos deparamos com uma realidade que apresenta uma intensa marca: escolas com precárias condições materiais, como as más-condições dos prédios escolares e o problema da falta de recursos financeiros para se investir em espaços de cultura, informatização e lazer, como: bibliotecas, laboratórios, ginásios e auditórios.

A expansão da escolaridade para grande parte dos jovens não tem ocorrido de forma concomitante com os investimentos necessários para atender às necessidades desses sujeitos. Essa situação torna-se nítida quando observamos as escolas das camadas populares, onde poucos têm sido os projetos para ampliação da escola, no sentido de atender ao aumento da procura, por parte da população, que tem crescido gradativamente com o passar dos anos. Como consequência dessa procura tem-se notado salas repletas, que dificultam o relacionamento e uma atenção individualizada aos jovens, ou seja, uma educação prazerosa e de melhor qualidade para que esses sujeitos continuem de fato a ter interesse em estudar.



Considerações finais

Refletindo sobre o desinteresse dos jovens pela escola, compreendo que seja preciso repensar as práticas escolares, pois ela se mantém num campo de contradições e tensões, marcado por uma expansão da escolarização e, ao mesmo tempo, por uma situação de baixa qualidade de ensino, o que tem resultado em fracassos, abandonos, reprovações, reflexos da realidade dos jovens originários das classes populares que chegam à Educação de Jovens e Adultos, rotulados como fracassados do ensino regular, trazendo para dentro de uma escola “esvaziada”,⁶ referências culturais diversas, saberes e experiências que, muitas vezes, são invisibilizados no espaço escolar.

Em outras palavras, precisamos levar os jovens a refletirem sobre sua própria realidade e sobre as condições de vida na sociedade, já que nos deparamos com oportunidades desiguais de inserção e integração social de muitos jovens que estão inferiormente posicionados na estrutura social, para que esses sujeitos – pensantes, experientes de um mundo que os circunda e com o qual cresceram – reflitam sobre o seu existir e sobre a sua existência na sociedade.

Esse desafio colocado à escola demonstra a importância da articulação entre os conteúdos curriculares e a realidade dos jovens, com o intuito de superar os currículos rígidos e inflexíveis, que são considerados por muitos jovens como desinteressantes. É preciso, dessa forma, como salienta Carrano (2008, p. 206), que os professores reflitam sobre uma possível reorganização curricular “capaz de desenvolver a comunicação com os sujeitos concretos da escola, sem que, com isso, se abdique da busca de inventariar permanentemente a unidade mínima de saberes em comum que as escolas devem socializar”.

⁶ Termo empregado por Carrano e Peregrino (2005, p. 8).

Referências

- BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.
- CAMACHO, Luiza M.Y. *Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2000. p. 20-25.
- _____. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 326-343, jul./dez. 2004.
- CARRANO, Paulo C. Rodrigues. Identidades juvenis e escola. *Alfabetização e Cidadania*, São Paulo: Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora no Brasil (RAAAB), n.10, p.16, nov. 2000.
- _____. Educação de Jovens e Adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, v. 1, p. 55-67, ago. 2007.
- _____; PEREGRINO, M. D. La escuela en expansión: un desafío para los jóvenes. *Revista Anales de la Educación Común*, Buenos Aires: Dirección General de Cultura y Educación, p. 18-27, 2005.
- _____. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio, Flávio; CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 182-207.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. p. 136-161.
- _____. CARRANO, Paulo C. R. Dificultades de finales del siglo y promesas de un mundo diferente. *Revista de Estudios Sobre Juventud*, México: Instituto Mexicano de Juventud, n. 17, 2002.
- DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.
- _____. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2006. p. 136.
- _____. A escola faz as juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 100. (Especial), p. 1105-1128, out. 2007.
- DUBET, F. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

_____. El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad. Barcelona: Gedisa, 2006.

MADEIRA, F. R. A. Os jovens e as mudanças estruturais na década de 70: questionando pressupostos e sugerindo pistas. *Cadernos de Pesquisa*, n. 58, p. 15-48, ago. 1986.

MANNHEIN, Karl. *Diagnóstico do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

NOGUEIRA, Maria Alice A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Revista Educação & Sociedade*, ano XXII, n. 78, p. 15-35, abr. 2002.

NOVAES, Regina Reys. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Helena; FREITAS, M. V; SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 46-69.

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar, 2003.

PEREGRINO, Mônica. *Múltiplas identidades e escola/identidades juvenis*. 2007. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1020>. Acesso em: 18 jul. 2009.

SPOSITO, Marília Pontes (Org.). *Juventude e escolarização (1980-1998)*. Brasília: Inep/MEC, 2000. (Série Estado do Conhecimento, n. 7).

_____. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir. *Sociologia da educação: pesquisa e realidade*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 19.

_____. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001. p. 96-104.

Recebido em agosto de 2009 e aprovado em novembro de 2009.